



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao Complexo do Alemão**

**Rio de Janeiro-RJ, 21 de dezembro de 2010**

Eu espero que esta chave da cidade me dê direito a vir ao Rio de Janeiro encontrar um apartamento num hotel, alugado, ou ser convidado para ir à casa da... Ah, aliás, aliás, eu vou lhe contar. No programa que eu gravei com a Regina Casé, eu já disse que você convidou para a gente ir à Gávea Pequena fazer uma roda de samba com o Zeca Pagodinho, com o Martinho da Vila, com todo mundo, Sérgio Cabral – o seu Sérgio Cabral pai – para que a gente passe um sábado curtindo um samba, uma cerveja e outros “que tais”.

Bem, eu vou ler aqui, eu vou ler aqui um depoimento lá da Rocinha. Nós estamos aqui no Complexo do Alemão e eu vou falar aqui da Rocinha. A casa que dona Antônia Márcia Pereira está deixando para trás, não tem janela para ver a luz do dia. Era preciso caminhar até a rua mais próxima, porque o sol não entra nos becos, de tão estreito que é o espaço entre uma parede e outra. Nem vento tem fôlego para levar um sopro de brisa até os moradores. Apesar disso, dona Antônia Márcia, cearense de Santa Quitéria, mora há mais de 30 anos na Rocinha, nessa casa sem janela, onde quarto, cozinha e banheiro são separados por cortinas, vivem ela, o marido e seus seis filhos.

Por isso não é de se estranhar que até o final da semana passada, ela ainda não conseguia acreditar que um sonho antigo seria realizado. Sonho que era sonhado, principalmente quando ela estava acordada e sentia na pele o abafamento e o excesso de umidade. Dona Antônia Márcia trabalha como ajudante de cozinha em festa de aniversário. Dependendo do tamanho da festa, ela recebe de R\$ 50 a R\$ 70. Antes de ganhar a casa nova, ela ia para o trabalho quase sem esperança num futuro melhor. Agora vai trabalhar com muito mais disposição e com a fé renovada.



Dona Antônia Márcia tem mesmo que comemorar. Além da casa nova, o marido, seu Francisco, está trabalhando com carteira assinada. Ele é auxiliar de pedreiro nas obras do PAC e leva, todo mês, para casa R\$ 900, que é o salário dele. E quem sai por aí falando que as pessoas não dão valor ao que ganham, no estado, deve ter uma conversinha com os beneficiados. Quem pensa isso está totalmente enganado. Todos que estão recebendo essas chaves hoje têm consciência de que estão recebendo um patrimônio, e que esse patrimônio representa a possibilidade de refazerem suas histórias de vida.

Tanto é assim que dona Antônia Márcia já avisou aos filhos mais novos – o César Michel, de 10 anos, e o Vanderlei, de 8 anos – que é preciso cuidar bem da casa, e que eles não podem riscar a parede, nem sujá-la com os pés. Ela tem também repassado à família o que vem aprendendo nos encontros de integração, promovidos com os novos moradores do complexo habitacional. Dona Antônia Márcia aprendeu, por exemplo, que para viver em comunidade deve colaborar com a limpeza e obedecer à lei do silêncio. Ela, agora, sabe que precisa respeitar o direito do vizinho para que o seu vizinho seja respeitado, de modo... Não. Ela tem que respeitar o direito do vizinho para que o seu direito seja respeitado, de modo que todos possam viver com muita tranquilidade.

Aliás, essa tranquilidade terá Edilma Alves Siqueira, assim que fizer sua mudança para o mesmo conjunto habitacional. Dona Edilma mora com o marido e seus dois filhos na Rua 2, no alto do Morro. O acesso à casa em que vivem se dá por um emaranhado de escadas e becos espremidos. Se para quem tem saúde boa, mas não está acostumado a fazer exercício, o caminho é difícil, o trajeto se torna impossível para o caçula de dona Edilma, o Lucas, de 12 anos. Lucas não pode andar e, como na casa não há espaço para cadeira de rodas, o menino passa o dia inteiro no sofá. Com isso, engordou bastante e o sobrepeso impede que os pais o levem para a rua. A última vez em que o menino saiu de casa foi há três anos. Ele não vai mais para a escola e deixou



de fazer fisioterapia.

Por isso é que dona Edilma não conteve a emoção quando soube que ganharia uma casa nova. Como toda mãe, ela quer o melhor para os filhos e se afligia com a situação de Lucas. Agora o menino poderá levar uma vida melhor e a família de dona Edilma terá privacidade em casa, porque onde moram, quando Lucas necessita usar o banheiro, todos têm que sair da casa. E também quando a filha mais velha, a Jéssica, de 17 anos, quer trocar de roupa, o padraço precisa esperar na rua.

Mas as famílias de dona Antônia Márcia e de dona Edilma, e também as outras que receberam a chave das casas novas, não são as únicas beneficiadas com o PAC. A Rocinha já tem uma Unidade de Pronto Atendimento, a Rocinha tem um complexo esportivo e algumas de suas ruas estão sendo alargadas. A Rua 4, por exemplo, tinha nome de rua, mas, na verdade, era um beco.

Quando... Nós estivemos lá, não é, Sérgio? Quando estive aqui, em 2008, no início das obras de urbanização, contei a vocês, da Rocinha, a história da agente de saúde, Ritinha. A mãe dela morreu de tuberculose e a própria Ritinha teve duas vezes a doença. Felizmente, ela conseguiu se curar e, desde então, se dedica à prevenção e ao tratamento de outras pessoas. Dois anos depois, a mesma Ritinha está numa alegria só. Ela disse que todas as obras de melhoria realizadas aqui mostraram que é possível tratar a Rocinha com mais dignidade, a mesma dignidade que todo brasileiro merece.

Companheiros e companheiras,

Eu acho “do cacique”. Eu acho essas histórias... Você imagina, uma família que mora num quarto em que, quando o menino vai ao banheiro, a família tem que sair toda para a rua, quando a filha quer se trocar, o pai tem que ir para a rua para esperar, a pessoa ganha uma casa, um apartamento daqueles que eu vi, é realmente para a gente se emocionar, é realmente para a gente chorar e, sobretudo, Sérgio, é para a gente dizer em alto e bom som: não



existe nada impossível na face da Terra quando a gente quer fazer. Não existe nada impossível. Se você pegar a década de 60, a década de 70, a década de 80 e a década de 90, foram as décadas em que os governantes do Rio de Janeiro foram vendo o Rio empobrecer, foram vendo os pobres ocupando espaços inadequados, porque, antigamente, era bonito uma favela, porque foi aqui que foi cantada “Barracão de Zinco”, Noel Rosa fazia poema da favela, muitos escritores... Até que a favela ficou tão, mas tão lotada de gente, que aquilo que era poético passou a ser dramático porque as pessoas passaram a utilizar aquele aperto, aquele monte de gente, para contrabandear cocaína, maconha, armas e tornar as pessoas que têm que se levantar, de manhã, para trabalhar suas escravas, seus dependentes, e as pessoas não tinham tranquilidade.

O que vocês estão fazendo aqui, meus companheiros, é mais do que urbanização de favela, é mais do que teleférico, é mais do que entregar apartamento. O que vocês estão fazendo aqui é uma coisa sagrada: vocês estão dando liberdade e autoestima ao povo do Rio de Janeiro, ao povo da Rocinha, ao povo do Complexo do Alemão.

Eu quero terminar dizendo aos companheiros da Rocinha que eu não pude ir aí hoje, mas podem ficar certos de que, a partir de março que vem, eu não vou precisar mais de segurança e vou poder ir à Rocinha com vocês como eu ia em [19]89, transitar com vocês. Vocês vão me dar um copinho de cerveja aí, porque... quem não beber fica olhando, e quem beber toma comigo. A gente vai brindar à saúde do nosso governador, a gente vai brindar à saúde do nosso prefeito, a gente vai brindar, na verdade, é à alegria do povo do Rio de Janeiro.

Esta cidade tem que voltar a merecer o nome de Cidade Maravilhosa. Esta cidade não pode ser aquela imagem fantástica que a gente vê quando a gente está no avião e, quando a gente desce, aquela desgraça de empobrecimento a que foi levado o Rio de Janeiro. Acho que vocês dois, vocês dois, quando terminarem o mandato de vocês, vocês escreverão uma página



antes e depois de vocês.

Agora, prestem atenção em uma coisa. Eu tenho certeza de que a companheira Dilma Rousseff, presidenta que tomará posse no dia 1º de janeiro, vai tratar vocês e o Brasil com o mesmo carinho que eu trato porque ela, como ministra-chefe da Casa Civil, participou de tudo isso. Tenho certeza que a companheira Miriam Belchior, que vai continuar cuidando do PAC... e quando eu vi o Pezão colocar a mão no pescoço dela ali já fiquei assustado, porque já vi que o dinheiro vem todo para o Rio de Janeiro. A Miriam Belchior vai cuidar, com muito carinho, do Rio de Janeiro também, na área do PAC.

Mas eu queria dizer, Sérgio, para você uma coisa sagrada. Não permitam, pelo amor de Deus, que haja um retrocesso. Aqui veio a polícia, veio UPP, veio teleférico. Agora tem que vir escola, tem que vir creche, tem que vir cultura, tem que vir emprego, tem que vir escola profissional. Este povo só vai, efetivamente, recusar definitivamente a convivência com bandido quando ele perceber que tem um prefeito olhando por eles, um governador olhando por eles e uma presidenta olhando por eles. Quando eles perceberem, como estão percebendo nesse instante, que o poder público não é algo distante, que o poder público é, efetivamente, a participação deles, eu acho que nós iremos pacificar o Complexo do Alemão, todas as favelas do Rio de Janeiro, de São Paulo, do Espírito Santo, e o Brasil será, efetivamente, um outro país.

Por isso, companheiros da Rocinha – eu não vou ver mais vocês –, companheiros que estão lá na BR-101, companheiros do Complexo do Alemão e companheiros do Rio de Janeiro: feliz Natal, feliz Ano Novo. Eu espero que a gente possa ter um futuro extraordinário para o Brasil.

Posso te garantir, companheiro Nuzman, que eu quero estar vivo para ver a gente fazer a Copa do Mundo mais extraordinária, e o Brasil, em vez de chorar porque perdeu a final, como em [19]50, nós vamos chorar de alegria porque o Brasil vai se sagrar campeão do mundo aqui. Em [20]16, você não terá surpresa [com] a quantidade de medalhas que o Brasil vai ganhar. Nós



vamos ganhar, muitas, muitas, e vamos ganhar... Ah, então nós vamos ganhar muito, mas muito com as Olimpíadas aqui e o Rio de Janeiro vai ganhar muito mais.

Companheiros e companheiras,

Olhem, eu só lamento não poder inaugurar todas as obras que nós começamos, mas eu tenho a convicção, tenho a convicção, Sérgio, de que nós entramos num ritmo de crescimento que é... não tem como voltar, não tem. Se tudo der certo, como eu estou pensando que vai dar, em 2016, 2017, nós seremos a quinta economia do mundo, e essa quinta economia do mundo só tem sentido se o povo pobre for crescendo junto com a economia, for virando classe média e for podendo comprar mais. Vai ter mais emprego, vai ter mais salário, vai ter mais empresa. É esse círculo virtuoso, essa roda gigante da economia que a gente não pode deixar parar.

Parabéns, querido companheiro Sérgio Cabral. Parabéns, querida companheira Adriana. Se o Sérgio tivesse poder sobre você, teria mandado você ficar em casa porque você está gripada. De qualquer forma, você provou que quem manda lá é a mulher, e agora quem manda no Brasil é mulher também, e aí tudo... vocês estão com a bola toda.

Querido Eduardo, feliz Natal. Feliz Natal para todos vocês. Nós, agora, vamos inaugurar a Caixa, ali, agora, ou vai ter um negócio ali? Ô, Maria Fernanda, pelo amor de Deus, na placa da Caixa... essa placa não coloque, não. Mande colocar o nome do governador e o nome do prefeito, porque não tem sentido... eu vou embora amanhã e eles vão ficar governando isso aqui, então é importante que tenha. E também vai inaugurar o Banco do Brasil aqui, também vai inaugurar. Então é o seguinte: o benefício que a Barra da Tijuca tem, o Complexo do Alemão vai ter. A gente só não pode trazer Copacabana até aqui, porque teria que fazer um canal muito profundo. Mas, daqui de cima do teleférico, você vai subir e você vai ver o Complexo do Alemão... Se vocês, a partir de junho, de maio, virem um baixinho barbudo com uma sunga colorida,



é o Lulinha que vai estar lá tomando banho na praia de Copacabana.

Um abraço, gente.

(\$211A)